

ANDRÉ GORZ: SABER E INTELIGÊNCIA ENQUANTO EXPERIMENTAÇÃO ÉTICA

Ricardo Luiz Sapia de CAMPOS¹

Dizem alguns ser prudente esperar que alguém morra para então lhe atribuir homenagens. Ainda vivo sempre existe a possibilidade para dizer e desdizer, agir em suma, no sentido contrário aos atributos pelos quais se lhes seriam rendidos louvores.

Nem sempre são necessárias ou cabíveis honrarias à memória, quando a plenitude de uma existência é em si desmerecedora de tais mumificações. Uma existência ética na acepção spinoziana do termo permite afrontar constituições em favor da flexibilidade e da dissipação da vida. Ao que parece, este é o caso de André Gorz, pseudônimo do austríaco Gerhard Horst, morto em setembro do ano passado.

O último livro de Gorz, lançado no Brasil recentemente com o título: “*Carta a D.: História de um amor*”, em que o autor tem como interlocutora sua mulher, Dorine, fecha o ciclo de uma existência pessoal, tanto quanto da produção do autor. Gorz, o homem social, morre junto com Gorz, homem antropológico. Não tenho claro se Gorz tinha essa consciência, mas seguramente observo este fenômeno como o da plenitude de uma existência ética.

Quando um entrevistador perguntou a Gorz, aquilo que parecia obvio para muitos de seus críticos, apontando para uma ruptura no seu pensamento, Gorz responde: “Tenho menos o sentimento de uma ruptura do que de uma atenção constante para com uma realidade que muda o tempo todo.” (GORZ, 1989, p.168-169). Ao se afastar do PC (Partido Comunista Francês) e do movimento sindical, ambos, conforme apontou mais tarde teriam exercido grande fascínio em sua formação, Gorz, acenava com um belo “*Adeus ao Proletariado*”. Este adeus ao proletariado fabril enquanto agente revolucionário transformador da sociedade, ainda que tendenciosamente ou não, mal interpretado por boa parte da esquerda e da intelectualidade francesa, em nada significava uma ruptura de pensamento, e menos ainda descomprometimento com o engajamento do autor que textualmente afirmava: “A alienação só pode ser superada fora do trabalho assalariado.” (GORZ, 1989, p.173).

Claro estava que Gorz havia entendido o caráter profético e religioso de teorias que se pretendiam científicas, e ainda, da distorção ou uso delas que identificavam a redenção a partir do movimento que teria como agente o proletariado. E é claro também, que o autor se afasta completamente dela. Em seu livro “*Adeus ao Proletariado*” demonstra como a classe operária seria incapaz de ser o agente da produção e da sociedade, ou, agente produtor de sociedade.

O ponto que resgatamos é não tanto como isso acontece, mas o porquê deste processo não comportar ruptura alguma, apontando para uma existência que não permite separação ou dualidade entre o Gorz de Dorine (e o seu próprio), do nosso Gorz, ou ainda, aquele de “*Adeus ao Proletariado*”. Ou, o Gorz que conhecemos, o herético e *outsider* intelectual francês daquele mesmo Gorz que escreveu “*Carta a D.*”, e que no derradeiro ato que consuma a morte do autor junto com a mulher, consegue plantar uma semente (de afeto e inteligência), contrariando instituições – a ética contra a moral. O Gorz sem cisão, o desfecho tanto da sua vida quando da sua morte, fazem arrancar um sorriso e uma lágrima.

Em “*O Imaterial*”, lançado em 2003, a nosso ver, Gorz resgata amiúde todas as bases filosóficas do seu pensamento, bem como elabora aquilo que era sua busca desde os primeiros

¹ Pós-doutorando em Sociologia.UNESP – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciências e Letras –Pós-Graduação em Sociologia. Pesquisador FAPESP. Araraquara – SP – Brasil. 14800-901 - sapiacampos@yahoo.com.br

escritos como “*Lé Trâitre*”, de 1958, conforme aponta em “*Carta a D.*” (GORZ, 2008), que era a elaboração (ou filiação) a uma teoria que desse base de sustentação ao seu pensamento e as suas inquietações filosóficas.

Pois bem, Gorz (2003, p.76), explica suficientemente em “*O Imaterial*” as origens e as diferenças entre saber e conhecimento. “[...] O saber é antes de tudo, uma capacidade prática, uma competência que não implica necessariamente conhecimentos formalizáveis, codificáveis [...]”. O conhecimento não é o contrário ou a antítese do saber, porém se distingue deste pela possibilidade da formalização, da técnica, da codificação. O saber, e pensamos aqui na carga de entendimento que sugere o termo francês *savoir-faire*, é dotado de sensibilidades vitais que escapam à possibilidade da codificação absoluta. Nos últimos escritos em “*Carta a D.*”, referindo-se, como se sabe, a história da vida do casal, Gorz (2008, p.41) aponta à Dorine: “Você não precisava das ciências cognitivas para saber que, sem intuições ou afetos, não há nem inteligência nem sentido[...]”. Esta relação entre inteligência e saber Gorz havia apontado bem antes: “[...] Em torno de 1960, eu tinha descoberto no movimento operário italiano pessoas muito mais intelectuais e cultas que eu [...]” (GORZ, 1989, p170). Ainda que não caibam aqui análises morais, nada tem de falsa modéstia esta afirmação. Não há encastelamento de vaidades ocultas pelo simples fato de tratar-se do que o autor defendeu a vida toda. E que, foi também, ou ao mesmo tempo, a vida que viveu. O saber de “*O Imaterial*”, livro que aponto como testamento filosófico, ou contra a minha própria vontade, mas para efeito de compreensão cindindo Gorz, discorre longamente sobre a origem do saber e do conhecimento. Pois bem, a capacidade em mobilizar experimentações práticas, tanto quanto sentidos e sensações é o núcleo vital da inteligência. Quem é o agente produtivo? Quem é que produz e reproduz saber e conhecimento? Não é aquele quem tem a capacidade mensurável da codificação e reprodução do conhecimento, mas aquele que tem a sensibilidade da experimentação prática tanto quanto da experimentação da existência, nos aspectos mais sensitivos e vitais. “[...] nos remete a experiências fundadoras cujas raízes estão mergulhadas na infância: na descoberta primeira, originária, das emoções que uma voz, um cheiro, uma cor de pele, um jeito de se mover e de ser, que serão para sempre a norma ideal, têm ressonância em mim. [...] Estamos aquém e além da filosofia.” (GORZ, 2008, p. 26). Em vão maiores argumentos, somos sempre mais do que nós mesmos. “Ah! A infância”, como disse Raduan Nassar (2006), com “seu vício e constância”.

Tais identificações são um tributo ao eu, na condição de ser, mas que, contudo, não se esgotam em si. Se estivermos “aquém e além da filosofia” (GORZ, 2008, p.26), e os motivos colocados pelo autor para escrever *Cartas de Amor* são estes, significa que sempre vamos além de nós mesmos, tanto quanto somos mais do que nos mesmos na relação com o outro. Mas significa também que não existe relação absoluta que limite a experimentação e a vivência do ser, neste caso, é claro, considerado subjetivamente.

Em “*Carta a D.*”, (GORZ, 2008, p. 41) em autocrítica, afirma: “[...] Transformava aquilo que conseguia compreender de mim em conhecimento de mim e, com isso, nunca coincidia com aquele Eu que eu conhecia como Outro [...]”. Então: “Quem é o outro, senão eu mesmo?” Ou então seguindo com sua autocrítica Gorz argumenta, agora em favor do outro (Dorine): “Você respondia que a teoria sempre ameaça se tornar um constrangimento que nos impede de perceber a complexidade movediça da realidade. Ética: liberdade!” (GORZ, 2008, p. 41). É claro, “percebi isso com você”, ou na minha relação com você (com o outro).

Teoria é conhecimento, mas é também saber, tanto quanto fruto da inteligência, que sendo (a teoria) constituída, e que uma vez como tal, tem que ser superada pela experimentação. A teoria quando usada ou utilizada normativamente, mesmo, ou principalmente para efeito de compreensão, impede a compreensão da realidade, uma vez que a realidade não é algo dado e acabado, mas algo em construção. A construção da realidade por

sua vez é em si um ato de afronta à teoria, uma vez que necessita da experimentação, e que esta por sua vez não segue cânones teóricos. Pois bem, parece mais teoricamente justificável agora aceitar a inteligência como atributo da experimentação prática e sensitiva da vida. E sendo assim, ela, a inteligência, não necessita das ciências ditas cognitivas. Podemos agora pensar sem medo (inclusive teoricamente!), sobre a experiência de encontrarmos tanta inteligência onde as ciências cognitivas não estão. Para exagerar um pouco, a Teoria da Relatividade não foi descoberta, mas codificada, teorizada, e, portanto, explicada e publicada. A teoria da relatividade, tanto quanto outras tantas teorias, são de domínio comum, não apenas ou tão somente pelo fato de incidir no “comum”, mas por terem sido produzidas por ele. Pode ser que aí esteja a confusão que geralmente fazemos entre “sabidos” e inteligentes. E se esta minha hipótese for “verdadeira”, somos tanto mais inteligentes, quanto pouco inteligentes somos. Ou então, estamos “além e aquém da filosofia” (GORZ, 2008, p.26). No primeiro caso pela própria vida, pela experimentação ética, como produtores e autores coletivos da realidade; no segundo caso dado que nem sempre nos “apoderamos” dela.

Segue com frases recheadas de afeto e sensibilidade, de amor à vida, como: “Ali, sempre fazíamos caminhadas de duas horas. Você tinha uma cumplicidade contagiosa com tudo o que é vivo, e me ensinou a olhar e a apreciar o campo, as árvores e os animais.” (GORZ, 2008, p. 56).

Longe da pretensão de homem perfeito Gorz (2008, p. 48), reconhece por suas palavras: “Deveria mostrar como o meu amor por você – ou melhor, a descoberta do amor com você – por fim me levaria a querer existir; deveria mostrar como a minha relação amorosa com você iria se tornar a razão de uma conversão existencial.” De outra feita nada mais cabe senão a tragédia do último ato mudando o script da ópera, afrontando a moral e contrariando (pela existência) a teoria (lembre-se de Durkheim e “O Suicídio”): foi um ato de amor à vida.

REFERÊNCIAS

GORZ, A. **Carta a D.:** história de um amor. São Paulo: Annablume, 2008.

_____. **Entrevistas do Le Monde.** São Paulo: Ed. Ática, 1989.

NASSAR, R. **Lavoura Arcaica.** São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GORZ, A. **O imaterial:** conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005.

_____. **Adeus ao proletariado:** para além do socialismo. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.